

## Velas, ervas, cachimbos: as consultas com os pretos-velhos na tenda espírita São Lázaro

Herson Herbster<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v8i2.56054>

**Resumo:** Os pretos-velhos são entidades que se apresentam em religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, a Jurema, entre outras. Entre suas funções nos terreiros, encontram-se aquelas relacionadas a trazer paz e conforto aos consulentes, quando estes se apresentam perturbados ou angustiados com problemas cotidianos, como saúde. A Tenda Espírita São Lázaro é um terreiro de Umbanda localizado em São Gonçalo, e por meio da consulta com os pretos-velhos, as pessoas que vão até o local encontram discursos e práticas voltadas a promover tranquilidade e equilíbrio para os presentes. O objetivo deste trabalho é analisar antropológicamente o ritual de consulta do local, oferecendo assim uma análise que une a teoria antropológica com as práticas que eu observei durante o tempo em que pesquisei no local.

**Palavras-chaves:** Umbanda. Pretos-velhos. Consulta. Cachimbo.

**Resumen:** Los *pretos-velhos* son entidades que aparecen en religiones afrobrasileñas como la Umbanda, la Jurema, entre otras. Entre sus funciones en los *terreiros* están las relacionadas con llevar paz y consuelo a los consultantes cuando están atribulados o angustiados por problemas cotidianos como la salud. La Tenda Espírita São Lázaro es un terreiro umbanda localizado en São Gonçalo, y a través de consultas con los pretos-velhos, las personas que acuden al lugar encuentran discursos y prácticas destinadas a promover la tranquilidad y el equilibrio de los presentes. El objetivo de este trabajo es analizar antropológicamente el ritual de consulta del lugar, ofreciendo así un análisis que une la teoría antropológica con las prácticas que observé durante mi tiempo de investigación en el lugar.

**Palabras clave:** Umbanda. Pretos-velhos. Consulta. Pipa.

### Introdução

Neste artigo eu vou descrever e analisar por meio da teoria antropológica que discute os aspectos religiosos da Umbanda e de suas entidades, os rituais de consultas dos pretos-velhos que atendem aos consulentes na Tenda Espírita São Lázaro (TESL). A TESL é um terreiro de Umbanda localizado na cidade de São Gonçalo, no bairro Pita, com mais de 30 anos de existência, comandado por Pai Fernando, dirigente do local. O objetivo é demonstrar a crença que os consulentes e os médiuns da casa possuem sobre a

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense. E-mail: [hersonherbster@gmail.com](mailto:hersonherbster@gmail.com).

capacidade de serem auxiliadas pelos pretos-velhos. Para isso, os indivíduos deslocam-se de seus ofícios, casas, para ter a oportunidade de interagir com tais entidades buscando limpezas espirituais, palavras de apoio.

O material aqui apresentado é resultado da minha frequência por quase dois anos ao local. Minha análise é de cunho etnográfico, buscando estabelecer uma análise entre o que percebi durante minha estadia em campo e a articulação com a teoria apontada anteriormente. Os pretos-velhos constituem uma classe de entidades presentes em certas religiões afro-brasileiras. Cada conjunto delas apresenta um perfil arquetípico, como afirma Ana Carolina Dias Cruz (2013) em sua tese de Doutorado.

A manifestação das entidades é acompanhada pelo oferecimento de elementos rituais para a realização de atos simbólicos, como limpeza energética do local. Dessa forma, bebidas, cigarros, cachimbos, comidas, são elementos presentes na prática umbandista. Afirma Lívia Lima Rezende, historiadora, que:

Outro elemento bastante típico das giras umbandistas é a oferta de comida, bebida e fumo aos espíritos incorporados. Aos erês, por exemplo, que são os espíritos de crianças, é comum que sejam oferecidos doces e refrigerante, enquanto os pretos-velhos solicitam seu cachimbo, com fumo à base de ervas e café amargo. Em muitos casos, essa oferta se estende também aos consulentes, sendo que eles são convidados a beber um pouco da cachaça dedicada aos exus, ou da feijoada dos pretos-velhos, por exemplo. (2017, p. 75)

Os elementos rituais que são oferecidos para as entidades obedecem ao pedido das mesmas, uma vez que elas os manipulam durante a consulta com os consulentes ou mesmo no intervalo entre um e outro. Assim, é possível ver entidades tomando bebidas específicas, soltando fumaça advinda de cachimbos, cigarros, no corpo dos consulentes, com o objetivo de promover limpezas espirituais. Elementos rituais e arquétipos estão intimamente unidos por estabelecerem uma lógica entre o que é ofertado para as entidades e a forma como esses elementos serão manipulados por elas.

### **Pretos-velhos na Tenda Espírita São Lázaro (TESL)**

As consultas com os pretos-velhos sempre acontecem nos dias úteis da semana às segundas feiras, uma vez ao mês, propiciando previsibilidade temporal para qualquer pessoa que queira se consultar. Esta classe de entidades são compreendidas por meio do discurso religioso umbandista como espíritos de indivíduos escravizados africanos

trazidos por meio de rapto, para terras brasileiras a fim de trabalharem em regime de escravidão ao desembarcarem no território brasileiro. Assim, Rafael de Nuzzi Dias, psicólogo, em sua dissertação de mestrado sobre pretos-velhos, argumenta que:

Algumas interessantes considerações podem ser feitas a partir da apreciação do ‘assentamento’ dos pretos-velhos no altar do terreiro. A primeira, amplamente propalada na literatura, é a clara referência aos pretos-velhos como espíritos de negros, em sua maioria velhos, que vivenciaram a experiência da servidão forçada no Brasil escravocrata. A esse respeito, não há dúvida quanto à afirmação de que os pretos-velhos são espíritos de escravos, sendo essa característica provavelmente a mais evidente dentre todas as que compõem o eixo simbólico conformador da experiência que a comunidade possui dessa categoria espiritual. (Dias, 2011, p. 166)

Os gestos corporais dos preto-velhos incorporados em seus médiuns, reforça a ideia de um indivíduo cansado, castigado pelo tempo depois de muito esforço feito em vida. Ao mesmo tempo, seu modo de se comportar apresenta um sentimento de superação, alento, em relação ao período em que o espírito estava escravizado. Cruz e Arruda afirmam que:

...cada um deles tem uma forma típica e uma mensagem exemplar a transmitir: os pretos-velhos, com a sabedoria dos anciãos, a compreensão e superação do sofrimento, o alento tranquilizador na voz e na lentidão do movimento (Cruz; Arruda, 2014, p. 102).

Apesar de alguns gestos corporais serem reconhecidos como sendo de pretos-velhos – como permanecer sentado durante as consultas - é importante destacar que cada espírito incorporado é uma consciência individual, tendo seu comportamento individual autorizado pelos que administram o terreiro de Umbanda, e por consequência não somente utilizará objetos materiais diversos quando em atuação em um terreiro, como também poderá enunciar para aqueles com quem conversa, sua história individual, com nuances e representações. Afirmam Cruz e Arruda que:

Como cada entidade é única, as experiências de cada médium de incorporação são peculiares. Afinal, lida-se com um espírito próprio, diferente de qualquer outro, que toma corpo a partir de pessoa igualmente única, que por sua vez traz representações da umbanda e de suas tipologias, bem como uma história de vida de inserções singulares (Idem, 2014, p. 106).

Sua presença constante em terreiros de Umbanda chamou a atenção de acadêmicos que começaram a pesquisar sobre o tema. Nesse sentido torna-se importante comentar sobre os dados coletados. Afirmam então Rafael de Nuzzi Dias e José Francisco Miguel Henriques Bairrão em seu artigo acerca dos conceitos que envolvem a figura do preto-velho que:

No que tange enfim à afirmação de serem os pretos-velhos uma das entidades mais largamente comentada se referidas na literatura acadêmica parece não haver quaisquer ressalvas a serem feitas. De fato, ao contrário do que acontece com muitas categorias espirituais, sobretudo aquelas tidas como de aparecimento mais recente, que são muitas vezes ignoradas ou simplesmente desconhecidas por alguns autores, não há provavelmente nenhum estudo já realizado sobre a umbanda – não importando a esse respeito sua amplitude, generalidade, recorte temático ou alcance – que não tenha dedicado ao menos alguns parágrafos para descrever e analisar os pretos-velhos, ou mesmo algum aspecto contingente a seu culto e sua presença em meio ao panteão umbandista (Bairrão; Dias, 2011, p. 151).

Os dados colhidos por acadêmicos contemplam principalmente o momento da consulta, em que tais entidades estão incorporados e irão repassar conselhos, feitiços, de acordo com a necessidade dos consulentes. Afirmam assim Luciana Macedo Ferreira Silva e Fábio Scorsolini-Comin, psicólogos, em seu artigo acerca da eficácia nas consultas mediúnicas da Umbanda:

Um dos elementos rituais mais expressivos da umbanda é a consulta mediúnica, espaço no qual um médium, a partir da incorporação de uma entidade espiritual, atende a um fiel em busca de ajuda (Silva; Scorsolini-Comin, 2020, p. 236).

A relação estabelecida entre a entidade e o indivíduo que busca a consulta, encontra na realização das magias e dos conselhos, um mecanismo capaz de efetuar uma modificação prática da realidade do consulente. Isso fica exemplificado no discurso de Fabiana, mulher, branca, consulente, que em entrevista, afirma que os pretos-velhos têm então um papel em promover ajuda e acolhimento para as outras pessoas: “Preto Velho mais centralizado assim na ajuda, não que os outros não ajude, né! Que eles ajudam do jeito deles, mas eu acho que os Pretos Velhos são mais cuidadosos, vamos colocar assim, de te abraçar, de te orientar, né, eu acho”.

Pai Fernando, dirigente da TESL, dá um destaque aos pretos-velhos, definindo-os a partir do seu perfil de acolher, ouvir os consulentes, funcionando primeiramente como

“psicólogos de pobre”:

Leia o preto velho como, como o psicólogo do pobre. Aquele que não pode pagar a um psicólogo na rede privada, que não vai ter acesso na rede pública e que, na verdade, o que tudo que ele precisa é de uma terapia de fala, como uma (...), terapia, né? De chegar aqui e falar, ser ouvido e ouvir os conselhos. Então o preto velho está para umbanda como esse grande psicólogo que vem aqui para ouvir as pessoas na grande maioria das vezes, eles dão conhecimento às pessoas, eles distribuem sabedoria as pessoas. Mas se você tiver em 100% das consultas, a grande maioria das falas que você vai perceber é, eu preciso ser ouvido e eles estão aqui para ouvir essa função do preto velho (Fernando, em entrevista, 2023).

Leonardo Almeida, antropólogo, em seu livro sobre energias espirituais e o papel sagrado dos ogãs ressalta o papel de orientação das entidades na Umbanda:

Já nas giras de entidades, o centro das atenções não é a entidade espiritual, principalmente porque a grande quantidade de entidades que ‘descem’ ao mesmo tempo durante uma gira não permite a mesma atenção dada aos orixás (geralmente um por ritual). Assim, o centro das atenções recai sobre o trabalho mágico religioso e, por meio dele, a ritualização do cotidiano e a existência de certo grau de inventividade e improvisação. O trabalho mágico-religioso está aqui compreendido como o processo de atendimento aos que procuram conselhos, passes, limpezas, curas, orientações etc. (Almeida, 2018, p. 84).

A consulta depende do transe do médium. Nesse sentido é importante chamar atenção para esse mecanismo sem o qual o consulente não se sentirá a vontade para expor seus conflitos. Silva e Scorsolini-Comin afirmam então que:

A consulta também representa um momento ritual importante no qual o consulente entra em contato direto com uma divindade por meio de um médium em transe mediúnico, permitindo um diálogo entre o mundo material e o mundo espiritual, entre uma pessoa em busca de ajuda e orientação e o divino (2020, p. 236).

São quatro tipos de indivíduos que participam das consultas, cada um com suas funções: os médiuns, a assistência, os ogãs e as sambas/cambones.

### **Médiuns, assistência, ogãs e cambones: personagens da consulta**

A consulta, apresentada no calendário da TESL, inicia-se por volta das 20h. A partir

das 18 horas inicia-se o processo de distribuição de “senhas” para criar uma lista de nomes e ordem de chamada. Antes de ser permitida a entrada das pessoas nas dependências da TESL, aquelas que chegam com antecedência ao horário previsto, passam pelo primeiro processo de triagem do lado de fora, onde seus nomes são anotados e as entidades escolhidas.

Eu chego a TESL em diversos horários para perceber algum possível evento que destoe da ordem apresentada acima. Até o momento não captei nada que fuja do padrão descrito. Ao chegar na TESL e ultrapassar os dois portões<sup>2</sup> do local, costumo encontrar alguns médiuns e/ou algumas pessoas da assistência no primeiro *hall*. Esse espaço é onde se encontra a porta de entrada da casa, onde mora o dirigente Fernando, e que delimita todo o espaço compreendido do terreiro.

Existe nessa primeira parte um alpendre em que são localizados vasos com diversas plantas, como comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), Espada de são Jorge (*Dracaena trifasciata*), espécies de cactos, bem como um batente de dois degraus, ao qual as pessoas costumam ficar sentadas, conversando e por vezes fumando cigarros.

A assistência, ou consulentes, é definida nas religiões afro-brasileiras como os indivíduos que irão realizar pedidos e pedir aconselhamentos para as entidades, além de manterem por vezes amizades com os médiuns da casa. Vânia Cardoso e Scott Head, antropólogos, em seu artigo sobre performance, capoeira, candomblé, afirmam que na “[...] casa de santo, um de nós estava também entre a numerosa ‘assistência’ da festa – termo com o qual o povo de santo se refere ao público convidado para as festas nos terreiros...” (Cardoso; Head, 2013, p. 275).

O clima geral é de descontração. Sempre observo diversas conversas sobre temas variados, envolvendo afazeres, dificuldades familiares e/ou individuais, situações que envolvem o dia a dia.

O uso de celulares é permitido para a assistência de forma livre antes dos rituais; antes de iniciar é pedido algumas vezes que os aparelhos sejam colocados em modo silencioso durante a sessão. Isso não impede o uso dos mesmos durante os rituais, não sendo chamada a atenção dos presentes quanto a isso.

Em relação aos médiuns presentes, a utilização de celulares é desaconselhada/proibida antes da sessão e veemente proibida durante a mesma. Os médiuns que irão incorporar na sessão daquela noite não irão utilizar seus celulares

---

<sup>2</sup> O primeiro portão dá direto na calçada e o outro dá acesso ao espaço do terreiro em si.

durante toda a realização das consultas. Outros integrantes como as sambas<sup>3</sup>, também não utilizam celulares durante a consulta.

O hall em si é um local dividido, onde há uma porta feita de madeira, pintada na cor branca, apregoada a um dos muros da TESL, que faz divisa com a casa vizinha. A porta movimenta-se para trás e para frente, tampando por exemplo o que acontece dentro do terreiro durante os rituais. Na porta é apregoada um banner feito com material plástico contendo o símbolo que representa o TESL.

A porta ocupa a maior parte da passagem e com isso, uma vez cheio o espaço para a assistência, quem por ventura chegar tarde, vê-se obrigado a ficar nessa primeira parte do *hall* e sem acesso visual as movimentações internas do local, restando apenas ouvir aos pontos cantados no espaço interior da TESL, aguardando que alguns dos presentes deixe o ambiente e vague espaço.

Figura 1 – Porta feita de madeira com banner contendo o logotipo da TESL.



Fonte: Produzido pelo autor.

Ultrapassada a porta branca, encontra-se os espaços que será ocupado pela assistência. Uma pequena sala coberta, com bancos de madeira nos quais as pessoas podem permanecer sentadas. Aqueles que chegam próximo ao horário de início acabam não encontrando mais espaço e se veem obrigados a ficar em pé.

Há várias pessoas no local, por volta de 30. Homens, mulheres, jovens, idosos, brancos, pretos, pessoas que moram próximas, pessoas que moram distantes do local,

---

<sup>3</sup> Samba é a palavra que designa, e a que ouvi certa vez dentro do TESL, bem como a que cumpre a função da palavra cambone, ou seja, a pessoa responsável por auxiliar tanto os presentes, quanto oferecer os elementos rituais que as entidades pedem durante uma consulta, como vinho, café, fumo para cachimbo, cigarro, charuto, etc. Contudo, não observo a utilização das palavras cambone, samba, quando as entidades chamam as pessoas designadas para essa função; escuto assim com frequência a palavra “sinhá” seguida do nome da pessoa, que prontamente dirige-se a entidade para perguntar o que a mesma deseja ou mesmo já identifica ao chegar perto, qual elemento está em falta e vai em buscar de repor tal componente necessário.

enfim, uma variedade de indivíduos busca a TESL. A presença dessa variedade de pessoas é observada também em outras datas do calendário religioso do local.

O clima é de descontração. Mesmo aqueles que não são frequentadores assíduos, acabam em algum momento sendo abordados por uma das médiuns da casa, chamada Rita, mulher, preta. Ela é designada especificamente para anotar o nome das pessoas em uma folha de papel e enunciar quais são as entidades presentes naquele dia. Por vezes vejo pessoas confusas em relação a qual entidade escolher; nesse momento Rita se prontifica a, caso a pessoa permita, escolher uma entidade para ela, o que é bem aceito.

Rita também é responsável por conduzir a ordem da consulta da assistência. Essa preocupação em anotar os nomes é para evitar confusão no momento da chamada, bem como para que todos os médiuns presentes saibam a ordem das pessoas, caso Rita precise se ausentar rapidamente do local. Almeida comenta que:

Cada médium no terreiro pesquisado possui seus orixás e um pequeno grupo de entidades que realizam as curas, os passes e dão conselhos nas giras semanais. Portanto, quando um visitante vai à busca de resolver determinado problema pessoal nas giras de entidades, escolhe ou é orientado a escolher uma entidade mais adequada ao seu problema e passa a identificar as principais entidades de cada médium (Almeida, 2018, p. 90).

Enquanto Rita anota os nomes, outra médium se dirige aos presentes carregando um livro de capa preta, com folhas pautadas para a criação de uma lista de presença da assistência. Essa lista é interessante por permitir um controle nominal e numérico daqueles que anualmente frequentam o local. Pai Fernando comentou certa vez, orgulhoso, para todos os presentes que passam de 1000 o número de pessoas consultadas anualmente.

Depois dos nomes assinados, as pessoas continuam suas conversas. Nesse intervalo de tempo, Pai Fernando por vezes sai de sua casa, vai até onde está a assistência, e cumprimenta a todos pessoalmente, independente se as conhece de longa data ou não. Suas falas são de acolhimento e respeito pelos presentes, o que torna o clima entre os frequentadores que não haviam pisado ainda no local, tranquilo.

Neste ano de 2023, há alguns meses, foi introduzida durante os dias de consulta de preto-velho, a prática espiritualista do Reiki. É oferecido o serviço de forma gratuita para os presentes. Rita costuma perguntar a cada participante se há interesse na participação do ritual; em caso positivo ela anota os nomes e cria uma lista que será utilizada para a condução ordenada da pessoa para o Reiki.



Reiki é uma palavra japonesa formada pelo prefixo Rei, relacionado a um aspecto cósmico, energético, e o sufixo ki, significando força vital que flui pelos seres existentes. Dessa forma, essa prática está relacionada a imposição de mãos humanas sobre o corpo de outro visando o reestabelecimento energético, espiritual dos indivíduos que se dispõem a participar desse processo. (Freitag *et al*, 2014)

A sessão de Reiki acontece assim: no quarto onde se localiza o Congá, encontram-se de três a quatro médiuns do TESL. Em frente a cada pessoa que vai aplicar o Reiki, encontra-se uma cadeira de plástico a qual o participante irá sentar-se e ficar de costas para o médium. Ao fazer isso, é comunicado ao consulente o pedido de fechar os olhos e concentrar-se naquilo que ele veio alcançar no terreiro. Nesse momento, as pessoas fecham os olhos e é possível perceber que os médiuns ficam com as mãos abertas, perpassando sem tocar o corpo das pessoas, e subindo e descendo suas mãos no espaço compreendido entre os ombros e a cabeça das pessoas. O procedimento como um todo dura de dois a três minutos. Ao fim do procedimento o médium agradece a presença e a pessoa pode levantar-se, sair do local e voltar para os bancos aguardar ou o início da consulta.

Enquanto a consulta não inicia os médiuns portando roupas “comuns”, utilizadas em seus ofícios, chegam ao terreiro, cumprimentando rapidamente a assistência presente e imediatamente dirigem-se ao interior da casa que delimita a TESL para trocarem de vestimenta. Médiuns e sambas vão trazendo para a mesa que fica ao lado da entrada da sala Congá, indumentárias, bebidas, cachimbos, que serão utilizados naquela noite. Cada elemento trazido para a mesa é pensado para específicas entidades.

Espaço da TESL organizado, nomes anotados, indumentária reservada em cima da mesa, possibilita tempo para os os médiuns conversarem entre si. Faltando cerca de dez, quinze minutos, Pai Fernando, que havia voltado para o interior da casa, sai dela para dar início ao ritual de consulta.

A indumentária aconselhada e o comportamento esperado dos presentes para a consulta é repassado pela rede social Instagram. Espera-se o uso de roupas claras e decoro compreendido como necessário para um encontro religioso, ou seja, evitar roupas curtas e decotes pronunciados, bem como seja respeitado o jejum de álcool por 48 horas antes da consulta.

Quanto aos médiuns presentes o código de vestimenta é: os homens devem portar camisa e calça branca; normalmente a camisa ou é desprovida de qualquer símbolo ou possui o da TESL em sua face anterior. Quanto às mulheres, aquelas que vão incorporar

estão vestindo uma longa saia, ou completamente branca ou em tom xadrez, além de uma blusa branca ou completamente desprovida de símbolos ou com o da TESL. Os ogãs seguem o mesmo pressuposto dos médiuns homens e Pai Fernando, sendo o único que destoa das regras gerais, apresenta-se com uma calça na cor branca, mas com uma blusa sempre em tom de cores diversos.

Além disso, existe uma atenção bastante recorrente ao pano-de-cabeça que é sempre amarrado a mesma antes de começar a consulta. Em mais de uma vez, vi algumas médiuns perguntando aos demais onde estava seu pano de cabeça, ou mesmo procurando em cima da mesa. Tamanha apreensão e zelo por tal pano reflete a importância simbólica dele, como assinalam Ademir Barbosa Junior e Jorge Luís da Hora de Jesus (2023).

### **A consulta em si: defumação, velas, pontos cantados**

Inicia-se o ritual com toques acelerados nos atabaques, assim como o uso de uma sineta/sino. Atabaques são espécies de tambores que passam por processos de sacralização e são utilizados em diversas religiões afro-brasileiras, da Umbanda, passando pelo Candomblé, pela Jurema Sagrada, etc, como pontua Marcelo Máximo Purificação (2022).

O papel da música, seja por meio do toque no atabaque é componente crucial para os cultos de religião afro. Os pontos cantados podem ser pronunciados e há um incentivo para isso, direto ou indireto. Assim espera-se que todos os presentes entoem os pontos afim de manter um padrão sonoro durante determinadas fases dos rituais. Como bem pontuam Rita Amaral e Vagner Gonçalves da Silva:

Nas religiões afro-brasileiras, a música desempenha um papel fundamental. É um dos principais veículos por meio dos quais os adeptos organizam suas diversas experiências religiosas e invocam os orixás, caboclos e outras entidades espirituais que os incorporam em festas, giras, sessões e outras cerimônias coletivas. Nesses rituais, a música é produzida por diversos instrumentos (atabaques, cabaças, chocalhos, agogôs, ganzás, etc), que variam segundo os ritos, acompanhados por cantos que são considerados formas de orações que unem o homem ao sagrado. (Amaral, Silva, 2006, pp. 190-191)

Os pontos cantados também tem por função a convocação das entidades. Percebi durante minha pesquisa que cada entidade chega durante o cântico relacionado a seu nome; sempre são cantados pontos curtos, que não duram mais do que alguns minutos e repetem estrofes, desse modo percebi que os presentes não tinham dificuldade em

acompanhar a letra. Sobre o tema, afirma Livia Rezende (2016) que:

Os pontos cantados são canções rituais, entoadas com o intuito de convidar as entidades a virem à terra, firmarem-nas aqui ou ainda para se despedir das mesmas. Normalmente são acompanhados pelos sons dos atabaques e das palmas do público e dos filhos da casa. São cânticos curtos, com pequenas estrofes que se repetem duas ou três vezes. (Rezende, 2016, p. 103)

Os pontos cantados também são cantados pelas entidades no ritual, assim como também são ensinados novos para os médiuns presentes que não estejam incorporados. Além disso, cantar com intensidade é sempre bem visto, demonstrando assim conhecimento e entusiasmo pela presença da entidade. Livia Rezende afirma que:

No que diz respeito especificamente à questão da musicalidade, ritmo e, de modo mais prático, cabem algumas considerações específicas. A importância dada aos pontos cantados durante qualquer ritual da umbanda é uma delas. Durante praticamente toda a gira é imprescindível que todos os médiuns entoem os pontos com força e determinação. É comum presenciar nos terreiros algumas entidades incorporadas chamarem atenção dos filhos-da-casa para que aprendam os pontos e os cantem com vontade e dedicação. (Idem, 2016, p. 112).

Ainda sobre os pontos, os Ogãs possuem mais conhecimentos sobre o tema, haja visto a necessidade deles aprenderem não somente a letra mas também o ritmo do atabaque. Dessa forma, Almeida, afirma que:

O ogã é um especialista que domina determinados conhecimentos específicos, é portador de saberes especiais que conferem prestígio e o tornam objeto de fortes sentimentos sociais. Atribui-se a ele uma destreza e uma ciência incomum (Almeida, 2018, pp. 102-103).

A profundidade que os pontos apresentam dificulta inclusive as análises científicas sobre os mesmos, haja visto que eles mudam de terreiro para terreiro, dependendo da influência histórica que o mesmo tenha, assim como as entidades que se apresentam no local.

A identificação dos toques e suas respectivas funções no ritual foram e continuam sendo um dos principais objetivos de diversas pesquisas etnomusicológicas. É uma tarefa que demanda tempo, pois cada casa pode possuir um número grande de cantigas em seu repertório, e pode variar de acordo com o terreiro, a nação, a cidade, as influências religiosas de outras nações, entre inúmeros outros fatores (Idem, 2018,

p. 75).

A musicologia, ou seja, o estudo científico da música, tornam análises possíveis em relação ao que se é cantado em determinado contexto cultural, e com qual intenção se faz isso. Dessa forma, para entender o papel que ogã desempenha na TESL, tomo como referência o argumento de John Blacking que em seu artigo “Música, cultura e experiência” afirma:

Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da ‘música’, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações (Blacking, 2007, p. 201).

Sendo assim, é por meio dos pontos cantados que mitos, histórias, acontecimentos, em um contexto religioso são atualizados, revividos, permitindo assim que os presentes tenham contato com o mundo do sagrado, bem como contato com a ancestralidade simbolizada durante um ritual, na medida em que se tornam artifícios mágicos, modificando o tempo-espço e inserindo assim um caráter sacro naquele momento. Almeida afirma que:

[...] estas últimas, as músicas, também podem adquirir o caráter de instrumento mágico, capaz de atualizar mitos, possuir palavras advindas de ancestrais sagrados, levar o indivíduo a tornar-se contemporâneo dos deuses (Almeida, 2018, pp. 104-105).

Os mitos, então, entram em uma circularidade que atravessa gerações, permitindo que os mais novos médiuns possam aprender com os mais velhos. Esse ciclo não pode ser quebrado, apenas, no máximo, atualizado. Samuel Abrantes, historiador, argumenta que “De um modo geral, a história mítica dos orixás e da criação são repassadas oralmente de geração em geração. Isto tem importância extrema para a compreensão do sentido de circularidade contido nos cultos afro-brasileiros” (Abrantes, 1996, pp. 45-46).

Xavier Vatin, antropólogo, em seu artigo sobre música e possessão, ressalta o caráter organizador e condutor de gestos, hábitos que são acionados quando determinadas músicas desencadeiam ações rituais. Assim, a música funciona como estímulo para conduzir comportamentos esperados nos indivíduos presentes. Afirma o autor que:

Durante o ritual, um ‘desencadeador cultural’ – é neste sentido que a

música parece exercer a sua função litúrgica e seu poder simbólico, através de cantos ou ritmos específicos – provocará nele, sob certas condições, os gestos e condutas associados à imagem inconsciente da divindade. Esta construção de uma personalidade segunda, cujas manifestações poderiam ser desencadeadas automaticamente a partir de certos *stimuli*, implicaria em um condicionamento de tipo pavloviano. A música serviria assim para veicular *stimuli* sonoros constituídos pelas fórmulas melódicas e rítmicas associadas a determinada divindade. Tais *stimuli*, existentes na cultura sob a forma de repertórios musicais, seriam inscritos e “gravados” nos iniciados para desencadear, após a aquisição de hábitos estereotipados, respostas automáticas de sua parte (Vatin, 2013, p. 245).

Continuando a descrição do ritual, os médiuns vão para o centro do terreiro. Forma-se assim um meio círculo e Pai Fernando fica no centro do mesmo. Vou apresentar então a ordem e as letras que compõem os pontos cantados. Contudo, nem sempre são entoados os mesmos pontos e na mesma ordem.

Os atabaques começam a tocar, acompanhados pela sineta. Tanto os médiuns, assistência, quanto Pai Fernando, cantam este ponto referente ao ato de defumar e batem palma de forma rítmica demarcando o compassos.

Olha vamos defumar, essa casa de Oxalá, com as ervas da Jurema olha vamos defumar... eu defumo é com Jesus, com Maria e José, defumo o terreiro e também os filhos de fé.

Daniel Garcia *et al* (2016), argumentam que o uso do processo de defumação é importante para os rituais umbandistas por representar a abertura dos rituais. Ao mesmo tempo promove uma limpeza espiritual nos presentes, que por sua vez também facilita a comunicação entre os médiuns e as entidades. Segundo os autores:

O ritual de defumação é por vezes demorado e cauteloso, pois é preciso que se defume um indivíduo por vez, primeiro aparte anterior e depois a parte posterior. As finalidades da defumação no ritual, antes da abertura dos “trabalhos”, são principalmente para “harmonizar” e “limpar”, tanto o ambiente quanto a pessoa; além de promover a comunicação entre as entidades e o mundo material (Garcia, *et al*, 2016, p. 5).

A defumação é feita a partir da queima de ervas específicas, assim como a enunciação de cantos. Com isso retiram-se energias negativas e implantam-se no ambiente energias positivas, mantendo o ambiente controlado contra qualquer evento negativo. Afirmam Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino e Ivonete

Barreto de Amorim sobre o tema que:

As ervas muitas das vezes já se fazem presentes no início da gira, no momento da defumação – quando se queima o incenso, constituído por um aglomerado de folhas que – com seus axés e seus ofós –, purificam o ambiente energizando- o, com as forças dos Orixás/entidades –. (Purificação; Catarino; Amorim, 2020, p. 750).

A foto a seguir exemplifica como funciona o ritual de defumação na TESL, com destaque para as ervas moídas colocadas dentro do vasilhame de cerâmica.

Figura 2 – Processo de defumação dos consulentes da TESL.



Fonte: Produzido pelo autor.

O ponto é entoado por cerca de cinco minutos, enquanto o incensário com brasas incandescentes passa em frente a todos os presentes, jogando fumaça nos mesmos. Dois médiuns sempre realizam o serviço. Um movimentava o instrumento de frente para trás constantemente promovendo o máximo de fumaça possível, enquanto outro carregava ervas a serem utilizadas e repostas quando necessárias dentro do vasilhame. O segundo médium sempre porta um copo com água.

O médium que possui o incensário primeiro perpassa todos os médiuns, sambas/cambones, ogãs, atabaques e Pai Fernando, em seguida é passado o objeto por toda a assistência presente, em seguida as duas pessoas dirigem-se ao portão de saída da casa.

Ao chegar no portão de saída, segue-se o ritual: o médium portador do incensário passa a fumaça em quem estava lhe auxiliando. Depois, quem movimentava o incensador fica de costas para a saída da TESL, passa o mesmo em volta de seu corpo três vezes, pega o copo de água e joga o conteúdo para fora da casa, sem visualizar a queda do líquido no solo. Em seguida o incensador é colocado no chão, próximo a entrada do terreiro, e lá permanece até o fim da sessão. Ambos voltam para o meio círculo.

Então vêm a sequência de pontos:

Oxalá meu pai, tem pena de nós tem dó, que as voltas do mundo é grande  
seus poderes são maior...

Umbanda, Umbanda querida, Umbanda, Umbanda minha vida, a  
Umbanda é um mundo de luz, foi na minha Umbanda onde eu conheci  
Jesus...

Tum tum tum, bateu na porta do céu, tum tum tum, São Pedro abriu pra  
ver quem é, mas eram as Almas Santas Benditas que se pesavam na  
balança de Miguel...

Neste ponto se percebe a influência do catolicismo na Umbanda. Nas giras de preto-velhos não é incomum encontrar referência a crucifixos, um dos símbolos mais famosos do catolicismo, orações católicas (Pai Nosso e Ave Maria), referência a santos católicos, ou a Jesus Cristo. Como afirma Dias:

De fato, um aspecto que chama a atenção durante as giras dos pretos-velhos é a grande quantidade de referências “cristãs” – mais propriamente “católicas” – que permeiam suas ações rituais em seus mais variados níveis: orações católicas (como o pai-nosso e a avemaria); preces e evocações dirigidas a santos católicos (São Benedito; Santo Antônio; Santa Catarina; dentre outros), Jesus Cristo e Nossa Senhora (Aparecida; Imaculada; da Conceição; do Rosário; apenas para citar as mais frequentes); “cruzes” (referência às almas e à cristandade) e “estrelas de cinco pontas” (referência ao orixá Oxalá que, no limite, é também ‘sincreticamente’ o próprio Jesus Cristo) como elementos que compõem, nas mais variadas configurações, os seus pontos-riscados; e a utilização por parte das entidades de objetos tipicamente ‘católicos’ durante seus passes e consultas, tais como rosários e crucifixos (Dias, 2011, p. 223).

Os pontos continuam:

No dia 13 de maio, quem tinha escravo chorou, chorou, chorou, chorou  
o cativo acabou.

Este ponto acima reforça o contexto mítico dos pretos-velhos. O ponto faz referência a um dia famoso na história brasileira, 13 de maio de 1888, em que Isabel de Bragança, também conhecida por Princesa Isabel, assinou a Lei Áurea, que concedia a liberdade aos indivíduos negros em estado de escravidão presentes no território brasileiro. Faz-se então uma referência a uma suposta tristeza para com aqueles que possuíam indivíduos escravizados naquele momento e se viram obrigados a libertá-los. É importante dizer que o fim do regime escravista ocorreu sem qualquer tipo de indenização aos indivíduos

escravizados; ao contrário, os ex-escravos foram lançados pelo território nacional e obrigados, dentro do contexto urbano, a morarem em locais periféricos.

Os pretos-velhos, ao representarem arquetipicamente um espírito do escravo africano em terras brasileiras, encontram espaço na Umbanda para ‘descer’ em terra e ajudar aqueles que pedem sua ajuda. Vagner Gonçalves da Silva em seu livro sobre a Umbanda e o Candomblé, argumenta que:

O preto velho, quando incorporado nos médiuns, apresenta-se como o espírito de um negro escravo muito idoso que, por isso, anda todo curvado, com muita dificuldade, o que o faz permanecer a maior parte do tempo sentado num banquinho fumando pacientemente seu cachimbo. Esse estereótipo representa a idealização do escravo brasileiro que, mesmo tendo sido submetido aos maus tratos da escravidão, foi capaz de voltar à Terra para ajudar a todos, inclusive aos brancos, dando exemplo de humildade e resignação ao destino que lhe foi imposto em vida (Silva, 1994, p. 152).

Chamo a atenção para o uso dos seus cachimbos, já que eles possuem também a função de afastar energias negativas, mantendo ele e a pessoa que está se consultando limpos energeticamente. Afirmam Purificação, Catarino e Amorim que “o cachimbo do Preto-Velho, também tem a função de defumação. A fumaça direcionada ao/a consulente é uma forma de limpeza e energização”. (Purificação; Catarino; Amorim, 2020, p. 750).

Os pontos cantados então continuam:

Meu santo Antônio de Lisboa, olha esse mundo como está [...] Oh meu Santo Antônio pelo amor de Deus.  
Segura o touro Cambinda, amarra no mourão, que o touro é brabo Cambinda, amarra no mourão. Meu Santo Antônio é pequenino, auê, me abra as portas do céu auê...  
Eu andava perambulando sem ter nada pra comer eu pedi às Santas Almas para vir me socorrer eu andava perambulando sem ter nada pra comer eu pedi às Santas Almas para vir me socorrer foi as almas que me ajudou, foi as Almas que me ajudou meu divino espírito santo viva oh Deus Nosso Senhor...

Durante o canto inicia-se o processo de incorporação. O processo de forma geral ocorre assim: os médiuns já estão vestidos com as roupas que utilizarão por toda a sessão. Quando algum ponto cantado é atribuído à entidade de determinada pessoa, a mesma fecha os olhos, permanece paralisada, em pé, concentrada. A entidade chega, em meio a solavancos corporais que não desestabilizam o médium.

O médium então dobra seu tórax e abdômen em direção ao solo e começa a mover-



se devagar, agachado, acompanhando o ritmo da música, transmitindo a imagem de cansaço e lentidão. A relação existente entre as entidades e os médiuns que permitem a utilização de seus corpos é ponto importante na Umbanda, sem o qual a comunicação não seria possível. Como afirmam Cruz e Arruda:

[A Umbanda] Destaca-se pela inter-relação direta que se estabelece entre as entidades (as manifestações ocorridas durante o transe, sempre nomeadas e tipificadas) e os ‘consulentes’ que nelas procuram conselhos, consolos, respostas e soluções mágicas as suas mais diversas necessidades. Tais entidades são entendidas como espíritos dos mortos, que possuem biografias da sua vida na terra, passado determinante para a forma que assumem no presente durante a chamada “incorporação”, isto é, a manifestação durante o transe (Cruz; Arruda, 2014, p. 102).

Findado o processo, é trazido sejam pelas sambas ou por outros médiuns da casa um banquinho de madeira, branco, com cerca de quarenta, cinquenta centímetros de altura. Algumas entidades antes de sentarem-se no banquinho, realizam um sinal, desenhando uma cruz, por tocar nos quatro lados do objeto.

Figura 3 – Consulta com os pretos-velhos.



Fonte: Produzido pelo autor.

Ao sentar-se, rapidamente são entregues à entidade aparatos individuais que são atribuídos a figura do preto-velho: cachimbos com fumo, copo com água, uma caixa de madeira na qual a entidade poderá cuspir saliva após tragar em seu cachimbo, velas brancas que podem ou permanecer acesas ao lado da entidade, ou podem ficar presas entre seus dedos dos pés, pemba branca<sup>4</sup>, cruzeiros pequenos feitos de madeira que normalmente

<sup>4</sup> Espécie de giz normalmente na cor branca utilizada para riscar desenhos no chão específicos de cada

ficam em cima da borda do copo d'água, bengalas que serão por vezes batidas no chão durante a consulta.

O uso de cachimbos e bengalas representam um modo de se comportar. Assim, sentimentos como bondade, paciência, são vistos como constituintes dessa classe de entidades. A figura de um preto-velho, então, fumando cachimbo, repassa para os presentes o sinal da necessidade de humildade e paciência para enfrentar as dificuldades. Como afirma Dias:

‘Bengalas’ e “cachimbos” parecem, dessa forma, conter o sentido de duas dimensões distintas do trabalho ritual atinente aos pretos-velhos, duas maneiras possíveis de auxiliarmos consulentes que os procuram: a primeira pela assunção de uma posição subjetiva de humildade, paciência e aceitação das mazelas (do ‘peso’) da vida; e a segunda pela ação direta da feitiçaria (Dias, 2011, pp. 180-181).

Assim, por vezes vi pessoas saírem das consultas com preto-velhos com os olhos marejados de lágrimas, possuindo, contudo, uma expressão de esperança e felicidade. Afirma Dias que:

Como ‘conselheiros’, os pretos-velhos utilizam o que chamam de ‘envolvimento pela palavra’ para passarem aos seus devotos um pouco da reconhecida sabedoria e experiência devida que possuem, adquiridas à custa dos enormes sofrimentos, privações e sacrifícios a que foram submetidos como escravos. Oferecem conselhos e orientações para todos os tipos de problemas e dificuldades que lhes sejam trazidos, muitas vezes por consulentes aflitos e desesperançosos. Com um tom acolhedor, paciente, calmo e encorajador, um convite implícito para que o consulente se sinta seguro para ‘abrir seu coração’ e desabafar seus sentimentos, temores e receios mais íntimos, ‘escutam’ por longo tempo àqueles que os procuram – o que por si só já provoca comoção e efeitos apaziguadores nas pessoas, como pude atestar por meio de minha experiência como cambone – sempre prontos para, terminado o ‘desabafo’, transmitirem suas palavras de bondade, humildade e amor (Idem, 2011, p. 258).

Quanto ao número de médiuns, têm-se a presença de sete. Após todos eles terem incorporado, serão iniciadas as consultas. Rita, como responsável por anotar os nomes dos consulentes, chama o primeiro nome da lista para determinada entidade, em seguida chama o primeiro da lista de outra entidade, até que sete pessoas simultaneamente estejam sentadas em frente aos médiuns incorporados. Nesse momento, ao sentarem nos

banquinhos disponibilizados para a assistência, iniciam-se gestos diversos com o intuito de recepcionar aquela pessoa que se sentou em frente a entidade. Aperto de mão, ponta dos dedos dos médiuns formando cruzes que perpassam a testa, boca e queixo, são alguns dos sinais apresentados pelas entidades no sentido de abençoar e recepcionar o consulente ali presente.

Durante a consulta, caso o membro da assistência não compreenda totalmente o que esteja sendo dito, as sambas estão sempre dispostas não somente a prover o fumo, o café para as entidades, mas também estão dispostas a elucidar determinadas palavras desconhecidas. Isso também acontece quando o consulente está anotando em pequenas folhas de papel alguma receita para banho, despacho, magia.

Na TESL observei eventos que fogem do padrão apresentado na maioria das consultas. Alguns consulentes apresentam comportamentos bem próximos do que eu descrevi sobre o processo de incorporação. Vou exemplificar uma dessas situações: certa noite um homem que estava consultando-se com uma preta velha. Durante sua conversa, percebi que o mesmo estava apresentando comportamento fora do usual. Um dos médiuns, Samuel, e a samba Márcia, ao perceberem o ocorrido, posicionaram-se assim: Samuel atrás do consulente, e Márcia ao lado, com uma de suas mãos voltadas para às costas do consulente, que estava nesse momento com a cabeça abaixada enquanto escutava falas vinda da preta-velha.

A seguir, Samuel começa a impor suas mãos, sem tocar no consulente, em direção às costas do mesmo. Concentrou-se, fechou os olhos, e após alguns momentos começa-se a escutar um som, uma espécie de assovio. Após isso ouço os médiuns evocando uma palavra associada à Orixá das águas doces, Oxum, “Orayeye”. Samuel e Márcia permanecem próximo ao consulente por alguns minutos, até que finde o comportamento do consulente. Finalizado esse processo, ambos se afastam do consulente que continua sua conversa com a preta-velha.

Um dos pretos-velhos presentes na casa incorpora através de Tom, um dos médiuns da TESL. A entidade chama-se Pai Joaquim da Angola e traz um componente ritual destacado entre os demais presentes. Eu passei pelo ritual após Rita ter me encorajado a isso, pois para ela era de bom tom em toda consulta de preto-velho eu conversar com Pai Joaquim de Angola, o que de fato eu realizo sempre que o tempo permite. Mesmo na ocasião em que considerei haver muito mais pessoas necessitando conversar com o mesmo, Pai Joaquim não “foi embora” sem antes fazer questão de conversar comigo.

Em uma noite, antes de ir embora, o mesmo apontou em minha direção, já no fim das consultas, me chamando para ir conversar com ele, o que prontamente fiz; conversei com o mesmo rapidamente, e ele disse que eu tinha passagem livre pela TESL, o que me fez agradecer pela receptividade que sempre tive. Findada a conversa, voltei para meu local.

Em outra noite, antes do término das consultas, conversei com Rita e a mesma perguntou se eu gostaria de falar com Pai Joaquim, respondi positivamente e ela anotou meu nome como sendo o último da lista<sup>5</sup>. Aguardei meu nome ser chamado e fui em direção a entidade.

Ao sentar-me no banquinho, percebi diversos elementos já pontuados anteriormente: copo de água, vela branca, pequena, no pé direito do mesmo preso entre os dedos, cachimbo, um chapéu de palha. Ele estendeu-me sua mão, a qual eu apertei; levou sua mão em direção a minha boca, a qual beijei, depois encostou sua mão em meu tórax, levando sua mão e a minha para o lado esquerdo e direito de meu tórax, especificamente, soltando-a em seguida. Permaneci calado, enquanto o mesmo batia levemente um de seus pés no chão, fazendo esse ato por alguns segundos. Perguntou-me em seguida se eu gostaria de um passe, o que eu prontamente respondi que sim, então iniciou-se o rito.

O passe é peculiar de cada entidade, obedece a uma ordem gestual e simbólica única. Para o passe ser realizado, precisei levantar-me do banquinho e permanecer em pé de frente para Pai Joaquim. O mesmo tomou em sua mão um ramo composto por caules e folhas das plantas aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi) e comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*). Para saber quais eram as plantas perguntei a um dos médiuns da casa quais eram as ervas utilizadas e o mesmo prontamente me respondeu.

Sobre a manipulação de plantas, bem como a prescrição das mais diversas formas possíveis de utilização dessas, como chás, banhos, vale pontuar que faz parte não somente das consultas de preto-velho, mas também é uma característica inescapável das religiões de base afro-brasileira. O livro “Ewé Òrìsà” de Eduardo Napoleão e José Flávio Pessoa de Barros (2003) proporciona uma visão interessante sobre o nome e uso das mais diversas plantas dentro dos cultos. Dias (2011) chama a atenção para importância das

---

<sup>5</sup> Sempre direciono minha conversa com as entidades para eu ser o último da lista, visando favorecer aqueles que por ventura possam estar com mais pressa do que eu, haja visto que sempre saio depois de todos os consulentes do TESL, bem como poder observar sem qualquer tipo de pressa ou apreensão as consultas com as entidades.

plantas nesse contexto. Segundo o autor:

Feitas essas considerações e prosseguindo com a contextualização do espaço ‘externo’ do terreiro, cabe destacar que passando pela tronqueira e pela casa das almas, ainda à esquerda pode-se notar a presença de grande número de vasos contendo plantas e ervas que são utilizadas frequentemente nos trabalhos espirituais, dentre as quais se destacam: arruda, guiné, espada-de-são-jorge, boldo e melissa. Os pretos-velhos são as entidades a utilizarem essas ervas com mais frequência (sobretudo arruda e guiné), geralmente em trabalhos de cura e prescrições de chás e banhos para limpeza espiritual. Outras entidades que também se utilizam bastante das ervas, mas para manipulações (mágicas) bastante diferentes, são os pretos-velhos da mata (sobretudo guiné, à qual chamam de ‘erva fedida’). (Dias, 2011, p. 162)

Retornando a minha consulta, abro meus dois braços em direção à Pai Joaquim. Ao mesmo tempo, ele me avisou que deveria eu girar lentamente. Assim o fiz. De forma lenta, compassada, ele foi ditando a velocidade na qual eu deveria executar o gesto. Ele então bateu com o ramo de plantas em meu corpo; repetiu esse movimento três vezes. A intensidade das batidas produzia sons que poderiam ser ouvido por todos.

Ao fim do gestual, sento-me novamente no banquinho, Pai Joaquim se despede de mim, agradecendo novamente pela minha presença e cooperação, eu lhe dou boa noite, agradeço pelo passe e volto para meu local. Quando acabam os nomes da lista de consulentes, alguns médiuns aproveitam a oportunidade para conversarem com as entidades, seguindo os mesmos gestuais pontuados aqui. Ao fim desse processo, os pretos-velhos vão desincorporar de seus médiuns.

Durante o processo de desincorporação os seguintes pontos são cantados:

Adeus madrugada linda, adeus umbanda, adeus umbanda, a umbanda chora, meus pretos- velhos eles vão embora  
Brilhou no céu mais uma estrela, a lua clareou meu candomblé.  
Adeus vovó das almas quando eu precisar lhe chamo, adeus vovó das almas quando eu precisar lhe chamo, Zambi lhe trouxe, Zambi vai te levar, Zambi lhe trouxe, Zambi vai te levar, agradeço a toalha de renda que deixou nesse Congá, agradeço a toalha de renda que deixou nesse Congá.

O gestual desse processo funciona por dois caminhos: alguns vão até a sala onde fica o Congá, e de frente para o mesmo, o médium incorporado passa por um solavanco, normalmente auxiliado por um outro médium que permanece atrás do mesmo para impedir qualquer eventual queda. Esse solavanco joga o indivíduo incorporado para

trás. Ao fim desse processo, o médium retoma a consciência de seu corpo, sai da sala e junta-se aos demais presentes.

Há ainda aqueles que desincorporam de frente para o jardim do terreiro, passando pelo mesmo processo que descrevi acima. O jardim da TESL é um espaço localizado entre o quarto do Congá, a casa dos Exus e a parede que separa o terreiro da casa de um de seus vizinhos. Nele há uma série de plantas, bem como uma fonte de água, luzes artificiais, velas que são colocadas pelos médiuns por vezes, e um pequeno altar portando a figura de um caboclo, figura tão importante para o universo umbandista quanto os pretos-velhos e exus; acima dessa figura, talhada em uma peça de madeira está escrito 7 estrelas, referenciando o caboclo que comanda a TESL, como ouvi certa vez Pai Fernando falar.

Findada a desincorporação, os médiuns começam a guardar os bancos de madeira, bem como os outros instrumentos utilizados naquela noite. Bancos destinados ao público presente são colocados próximos a entrada da sala do Congá e os médiuns dirigem-se ao interior da casa para trocarem de roupa e saírem da TESL. Alguns médiuns apressam-se para ir embora enquanto outros ficam conversando no local, fato esse atrelado a distância da casa do médium, ao tipo de transporte utilizado. Já são por volta das 22 horas da noite. Dessa forma, finda-se uma sessão de consulta de pretos-velhos na TESL.

Concluindo, a consulta com os pretos-velhos na TESL é uma forma de contato com o mundo espiritual umbandista, em que os pretos-velhos “descem” até o terreiro. A Umbanda, enquanto religião afro-brasileira é utilizada pelos seus frequentadores para buscar soluções mágicas e ritualísticas sobre os problemas cotidianos dos indivíduos. Assim, ir para a consulta dos pretos-velhos é reforçar a crença na existência dessas entidades, bem como na sua capacidade de promover acolhimento por meio de suas palavras e favorecimento dos consulentes por meio dos rituais mágicos que visam modificar o cotidiano de forma favorável, afim de obter conquistas materiais, curar-se de doenças, entre outras questões encontradas na literatura antropológica sobre o tema.

## Referências

- ABRANTES, Samuel Sampaio. *Atotô Obaluayê Ajuberu: um olhar semiológico sobre a indumentária de obaluayê*. 1996. Dissertação. (Centro de Belas e Artes). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1996. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/6043/1/188438.pdf>> Acesso em: 23 out. 2024.
- ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. *Eu sou o Ogã Confirmado da Casa: ogãs e energias espirituais em rituais de umbanda*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. 214 p.
- AMARAL, Rita; SILVA, Vagner Gonçalves da. “Foi conta para todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro”. *Afro-Ásia*, n. 34.

janeiro, 2006.

BARROS, José Flávio Pessoa de; NAPOLEÃO, Eduardo. *Ewé Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô*. Bertrand Brasil, 2003.

BLACKING, John. “Música, cultura e experiência”. *Cadernos de Campo*, v. 16, n. 16. março, 2007.

CARDOSO, Vânia Z.; HEAD, Scott C. “Encenações da descrença: a performance dos espíritos e a presentificação do real”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 56, n. 2. junho, 2014.

CRUZ, Ana Carolina Dias. *Quantas Cabeças tem Exu?: representações sociais sobre o povo de rua em terreiros de umbanda no Rio de Janeiro*. 2013. Tese. (Instituto de Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ), 2013. Disponível em: < <http://objdig.ufrj.br/30/teses/807958.pdf>>. Acesso em 06 jan. 2025.

CRUZ, Ana Carolina Dias; ARRUDA, Angela. “O povo de rua em terreiros de umbanda na cidade do Rio de Janeiro”. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 27. 2014.

DIAS, R. de N. *Correntes Ancestrais: os pretos-velhos do Rosário*. 2011. Dissertação. (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto). Universidade de São Paulo (USP), 2011. Disponível em: < [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-07082011-105621/publico/Correntes\\_Ancestrais\\_Mestrado\\_Rafael\\_de\\_Nuzzi\\_Dias.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-07082011-105621/publico/Correntes_Ancestrais_Mestrado_Rafael_de_Nuzzi_Dias.pdf)> Acesso em: 23 out. 2024.

FREITAG, Vera Lucia et al. “Benefícios do Reiki em população idosa com dor crônica”. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 23. outubro-dezembro, 2014.

GARCIA, Daniel et al. “Defumadores com possível efeito ansiolítico utilizados no centro de umbanda caboclo ubirajara e exú ventania, diadema, SP: um estudo etnofarmacológico”. *Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, v. 1, n. 1, 2016.

JUNIOR, Ademir Barbosa; JESUS, Jorge Luís da Hora de. “Cada Cabeça uma Sentença: coberturas de cabeça como identidade religiosa e étnico-cultural afro diaspórica”. *Revista Calundu*, v. 7, n. 1. setembro, 2023.

DIAS, Rafael de Nuzzi; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. “Aquém e além do cativeiro dos conceitos: perspectivas do preto-velho nos estudos afro-brasileiros”. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 20. abril, 2011.

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. “A Ancestralidade Africana ao som dos atabaques: As Manifestações Religiosas nos Corpos Umbandistas/African ancestry and the sound of atabaques: Religious Manifestations in Umbanda Bodies”. *ID on line: Revista de psicologia*, v. 16, n. 59. fevereiro, 2022.

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela Maura; AMORIM, Ivonete Barreto de. “As ervas medicinais na umbanda nos cultos de preto velho”. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 29, n. 4. julho, 2020.

REZENDE, Livia Lima. “Força africana, força divina: trânsitos entre África e Brasil através da figura umbandista dos pretos-velhos”. *Mosaico*, v. 7, n. 10. novembro, 2016.

SILVA, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. “A noção de eficácia nas consultas mediúnicas da umbanda”. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 20, n. 3. dezembro, 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Ática, 1994.

VATIN, Xavier Gilles. “Música e possessão: para além da eficácia simbólica?”. In: TAVARES, Fátima Tavares; BASSI, Francesca (Orgs.). *Para Além da Eficácia*

*Simbólica: estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUFBA, 2012.

Recebido em: 07/11/2024

Aceito em: 07/01/2025